



NEGÓCIO BILIONÁRIO

# Desconfiança cerca acordo com Trump

Chavistas e opositores se dividem sobre acerto que dará a empresas americanas preferência para explorar 20% das reservas de petróleo da Venezuela — as maiores do mundo. Nos EUA, o setor aguarda detalhes sobre os termos

» SILVIO QUEIROZ

A Casa Branca anunciou com alarde, no fim de agosto, um acordo pelo qual a presidente interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, cede a empresas norte-americanas prioridade na exploração de campos petrolíferos com reservas da ordem de 65 bilhões de barris. O montante corresponde a cerca de 20% das reservas comprovadas do país, que são as maiores do planeta.

"Estamos dobrando nossas reservas", comemorou o presidente Donald Trump, pressionado pela disparada nas cotações internacionais da commodity e, por tabela, no preço da gasolina. Efeito inflacionário colateral da guerra iniciada por EUA e Israel contra o Irã, há seis meses, a alta pressiona o Partido Republicano a menos de dois meses das cruciais eleições legislativas.

Trump apressou-se a festejar um rápido refluxo nos preços, mas a ausência de detalhes sobre os termos inibe os potenciais interessados. O anúncio oficial menciona investimentos da ordem de US\$ 100 bilhões e o dobro em receitas de impostos para a Venezuela. Mas a vigência prolongada das concessões, de até 100 anos, não apenas intriga o setor petroleiro dos EUA.

Na Venezuela, setores do chavismo temem pela perda da soberania. Entre os opositores, fermenta a desconfiança de que o acordo dê sobrevida ao regime, após o baque sofrido com a captura, pelos EUA, do presidente Nicolás Maduro, nos primeiros dias do ano.

## Sob tutela

A cientista política venezuelana María Isabel Puerta, professora na Universidade do Colorado (EUA), compara a relação estabelecida desde então com um regime de protetorado. "Considero uma descrição adequada", disse ao **Correio**. "Mas acrescentaria que se trata de um protetorado sobre Delcy Rodríguez", observa. "O que esse acordo deixa claro é que, para Trump, o governo dela serve para facilitar negociações econômicas que beneficiem Washington, mais do que para estabilizar a Venezuela."

Roberto Uebel, professor de relações na

Federico Parra/AFP



A presidente interna Delcy Rodrigues cedeu prioridade para empresas americanas: mais rachas entre chavistas e opositores

ESPM, faz reservas ao termo "protetorado", pelas implicações jurídicas embutidas. "Penso que tutela faz mais sentido, no momento, algo que o próprio secretário de Estado (dos EUA), Marco Rubio, tem enfatizado desde a captura de Maduro", afirmou à reportagem. Ele lembra o grau elevado de ingerência dos EUA sobre o setor petroleiro do país, bem como sobre ativos e fluxos financeiros. "Temos uma soberania venezuelana preservada formalmente, mas bastante limitada, na prática, pela assimetria de poder com Washington."

## Dilemas

Ambos os estudiosos veem no acordo, saudado por Trump como "o maior da história da indústria petroleira", uma encruzilhada para os herdeiros políticos de Maduro e do chavismo. A professora venezuelana lembra que o partido governista votou

para aprovar o acordo na Assembleia Nacional. Mas, pondera, "essa aliança entre Trump e Delcy é insustentável, ideologicamente, e pode comprometer o chavismo como força política crível": a presidente interina e a cúpula partidária "não teriam como justificar essa virada".

"Existe uma contradição evidente entre décadas de discurso anti-imperialista e um acordo dessa magnitude com Washington", reforça o estudioso da ESPM. Uebel avalia que o comando militar e o líder chavista Diosdado Cabello, homem de confiança de Maduro e de Hugo Chávez, vêm dando apoio e aval a Delcy, até aqui. "Mas isso pode provocar, no futuro, fissuras e desgastes eleitorais" aponta.

Uma expressão desse risco está na condenação manifestada por Rafael Ramírez, que foi presidente da estatal petroleira PDVSA e ministro do setor no governo de

Chávez. Para ele, o acordo assinado pela presidente interina "entrará para a história por ser entreguista e abrir as portas para o novo colonialismo" dos EUA.

No extremo oposto do espectro político, o economista venezuelano Ricardo Haussmann, professor da Escola de Governo da Universidade Harvard e antichavista declarado, dirigiu mensagem pública — e indignada — ao secretário de Estado Marco Rubio. "Você decidiu usar o poder dos EUA não para libertar os venezuelanos, mas para se aliar aos nossos opressores", acusou, em postagem na rede social X. "Optou por promover uma apropriação de ativos e um acordo inconstitucional com um governo ilegítimo e opressivo, em vez de usar sua liderança para, primeiro, restabelecer a ordem constitucional e a democracia", protestou.

## Eu Acho...



Arquivo pessoal

*É uma oportunidade econômica acompanhada de elevado risco político e jurídico. Contratos de 25 ou até 100 anos atravessarão vários governos nos dois países. Investimentos bilionários dependerão de garantias jurídicas e estabilidade institucional.*

**Roberto Uebel**, professor de relações internacionais da ESPM



Arquivo pessoal

*Nos EUA, há muita desconfiança sobre o acordo, porque não se sabe como o Departamento de Defesa vai operar. Além disso, segundo as leis venezuelanas, os termos e as condições são inaceitáveis. Na minha opinião, ele é insustentável.*

**María Isabel Puerta**, cientista política da Universidade do Colorado (EUA)

## VIRADA À ESQUERDA

# Extrema-direita perde força na Suécia

A oposição de centro-esquerda na Suécia, liderada pelos sociais-democratas de Magdalena Andersson, desponta como vencedora das eleições gerais que aconteceram ontem (13), segundo pesquisas de boca de urna, que indicam perda de terreno da extrema direita após uma disputa tensionada. A aliança de quatro partidos de oposição de esquerda obteve 51,3% dos votos em uma pesquisa divulgada pela emissora pública SVT, contra 46,8% do bloco de direita. Outro levantamento, publicado pela TV4, atribuiu 51,3% à esquerda e 47% à direita.

A principal surpresa da eleição é que os Democratas da Suécia (SD), partido de extrema-direita, podem registrar o primeiro recuo desde a entrada no Parlamento, em 2010, e deixar de ser a segunda maior força política do país.

Durante meses, as pesquisas apontaram vantagem confortável para os quatro partidos da oposição de esquerda, liderados por Magdalena Andersson, líder dos social-democratas de centro-esquerda. Nos últimos dias de campanha, porém, a diferença mudou até configurar empate técnico.

Aos 59 anos, Magda, como é conhecida na Suécia, sonha em voltar a chefiar o governo depois de ter deixado o poder em 2022. Já o atual primeiro-ministro de direita, Ulf Kristersson, começou a acreditar na

possibilidade de conquistar um novo mandato. O objetivo do dirigente de 62 anos é conseguir mais quatro anos para "tornar a Suécia grande novamente", declarou à Agence France-Presse, em referência ao famoso slogan do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

## Origem neonazista

Os social-democratas, que governaram o país nórdico durante grande parte do século 20 e continuam sendo o principal partido da Suécia, prometeram fortalecer o Estado de bem-estar social e ajudar as famílias a enfrentar o aumento do custo de vida. Nas últimas duas décadas, o líder da extrema-direita, Jimmie Åkesson, transformou o partido, de origem neonazista, em uma força política legitimada. No sábado, durante o último início de campanha na capital, ele declarou considerar a disputa eleitoral "já vencida".

"A Suécia está se tornando mais segura, melhor e mais sueca", afirmou, cercado por bandeiras azuis e amarelas com a mensagem "Faça a Suécia voltar a ser a Suécia". Em uma mensagem publicada no Instagram, a ativista climática sueca Greta Thunberg pediu aos candidatos que impedissem uma aliança de governo entre a direita e a extrema-direita. "Nenhum fascista em

AFP



Eleições na Suécia: vantagem dos sociais-democratas, aponta boca de urna

nosso governo. Justiça climática, já!", escreveu. Cerca de oito milhões de pessoas estavam aptas a votar nessa eleição

num país de 10,6 milhões de habitantes, onde a participação eleitoral é normalmente superior a 80%.

## » Ataque ao trem

Polônia e Ucrânia denunciaram, ontem, os bombardeios russos perto da fronteira polonesa como uma "escalada", incluindo ataques a um trem com destino a Varsóvia e perto de um posto fronteiriço. Kiev alertou que Moscou está "batendo" à porta da Europa. Os ataques perto da fronteira do país, membros da Otan, ocorreram em um momento em que os aliados europeus de Kiev expressaram preocupação com o aumento dos atos de sabotagem orquestrados pela Rússia em seus territórios, enquanto a guerra ultrapassa os quatro anos. Estavam a bordo do trem assessores de segurança de vários Estados-membros da União Europeia e ex-líderes europeus, incluindo o ex-primeiro-ministro britânico Boris Johnson. O ex-diretor da CIA, David Petraeus, estava em outro trem na estação de Yagodin no momento do ataque. Ainda ontem, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse que a Ucrânia deveria parar de atacar refinarias na Rússia, afirmando que "há muitos outros alvos", uma declaração que representou um golpe para Kiev.